

**NOTAS EPISTEMOLÓGICAS SOBRE O CONCEITO DE ESPAÇO GEOGRÁFICO
A PARTIR DE MILTON SANTOS**

***NOTAS EPISTEMOLÓGICAS SOBRE EL CONCEPTO DE ESPACIO GEOGRÁFICO
DE MILTON SANTOS***

***EPISTEMOLOGICAL NOTES ON THE CONCEPT OF GEOGRAPHICAL SPACE
FROM MILTON SANTOS***



Wagner Alves CABRAL¹
e-mail: professorwagnergeografia@gmail.com

Como referenciar este artigo:

CABRAL, Wagner Alves. Notas epistemológicas sobre o conceito de Espaço Geográfico a partir de Milton Santos. *Revista Geografia em Atos*, Presidente Prudente, v. 7, n. 1, e023004. e-ISSN: 1984-1647. DOI: <https://doi.org/10.35416/2023.8895>



| Submetido em: 12/08/2021
| Revisões requeridas em: 19/06/2023
| Aprovado em: 04/09/2023
| Publicado em: 04/09/2023

Editoras: Eda Maria Góes
Karina Malachias Domingos dos Santos
Roberta Oliveira da Fonseca

¹ Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campina Grande – PB – Brasil. Licenciado em Geografia.

RESUMO: Revisitar o pensamento de Milton Santos é, por um lado, reconhecer o quão este permanece atual no âmbito da contextualização geográfica dos fenômenos e, por outro, o quão colaborativo tende a ser na construção das novas explicações teórico-conceituais e metodológicas que vão fomentar os novos momentos no movimento do pensamento geográfico. Concordando com esse entendimento, o objetivo que norteia a realização deste trabalho procura dá conta de compreender a evolução teórico-metodológica do conceito de espaço geográfico no pensamento de Milton Santos e as suas contribuições para a Geografia brasileira. Dessa forma, a pesquisa, que é de natureza teórica, construída em torno da análise de obras deste autor de renome na Geografia brasileira, as quais consideramos cruciais no âmbito da temática evidenciada, são elas: *Por Uma Geografia Nova* (1978), *Espaço e Método* (1985), *Metamorfoses do Espaço Habitado* (1988) e *A Natureza do Espaço* (1996). A escolha destas obras se deu pela possibilidade de, através delas, analisar a proposta conceitual de espaço geográfico elaborada por Milton Santos, bem como a trajetória evolutiva deste conceito no pensamento do autor mediante os rumos da sociedade capitalista, de sua espacialidade e de sua reflexão geográfica.

PALAVRAS-CHAVE: Epistemologia da geografia. Espaço geográfico. Milton Santos.

RESUMEN: *Revisar el pensamiento de Milton Santos es, por un lado, reconocer cuán actual se mantiene en el marco del análisis geográfico de los fenómenos y, por otro, contribuir en la construcción de nuevas explicaciones teórico-conceptuales y metodológicas, propiciando nuevos momentos en el movimiento del pensamiento geográfico. Coincidiendo con este entendimiento, este trabajo busca comprender la evolución teórico-metodológica del concepto de espacio geográfico en el pensamiento de Milton Santos y sus aportes a la Geografía brasileña. Así, esta investigación de carácter teórico, construidas en torno al análisis de las siguientes obras de este reconocido autor de la Geografía brasileña, que consideramos cruciales en el ámbito del tema destacado: Por Uma Geografia Nova (1978), Espaço e Método (1985), Metamorfoses do Espaço Habitado (1988) y A Natureza do Espaço (1996). Estas fueron escogidas por su contribución para el análisis de la propuesta conceptual del espacio geográfico, elaborada por Milton Santos, así como, la trayectoria evolutiva de este concepto en su pensamiento al respecto de la trayectoria de la sociedad capitalista, de su espacialidad y de su reflexión geográfica.*

PALABRAS CLAVE: *Epistemología de la geografia. Espacio geográfico. Milton Santos.*

ABSTRACT: *Revisiting Milton Santos' thinking is, on the one hand, recognizing how current it remains in the context of the geographical contextualization of the phenomena and, on the other, how collaborative it tends to be in the construction of new theoretical-conceptual and methodological explanations that will foster the new moments in the movement of geographical thought. Agreeing with this understanding, the objective that guides this work seeks to understand the theoretical-methodological evolution of the concept of geographic space in Milton Santos' thought and his contributions to Brazilian Geography. Thus, the research, which is theoretical in nature, built around the analysis of works by this renowned author in Brazilian Geography, which we consider crucial in the scope of the highlighted theme, are: Por Uma Geografia Nova (1978), Espaço e Method (1985), Metamorphoses of Inhabited Space (1988) and The Nature of Space (1996). The choice of these works was due to the possibility, through them, to analyze the conceptual proposal of geographical space elaborated by Milton Santos, as well as the evolutionary trajectory of this concept in the author's thought through the directions of capitalist society, its spatiality and its reflection geographic location.*

KEYWORDS: *Epistemology of geography. Geographic space. Milton Santos.*

Introdução

O presente estudo é fruto do trabalho de conclusão de curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba. O qual trouxe consigo o objetivo principal compreender a evolução teórico-metodológica do conceito de espaço geográfico no pensamento de Milton Santos e como esta contribuiu para o fortalecimento/renovação da Geografia brasileira. Para tal, estabelecemos os seguintes objetivos específicos que consistem em: apresentar o conceito de espaço geográfico na Obra de Milton Santos; discutir as bases teórico metodológicas do conceito de espaço geográfico em cada etapa reflexiva de Milton Santos e analisar as contribuições de Milton Santos para a Geografia brasileira.

Como meio para alcançar os objetivos traçados o presente estudo, que é de natureza teórica, foi conduzido metodologicamente com base na realização da pesquisa bibliográfica. No curso da pesquisa bibliográfica, foram selecionadas as obras de Milton Santos, nas quais o espaço comparece como questão central ou como parte crucial da temática discutida. Desta forma as obras selecionadas, foram: *Por Uma Geografia Nova* (1978), *Espaço e Método* (1985), *Metamorfoses do Espaço Habitado* (1988) e *A Natureza do Espaço* (1996). Nestas obras buscamos analisar a construção teórica do conceito de espaço geográfico, apresentando, assim, o processo de evolução e de mudança de algumas concepções construídas por Milton Santos no tocante a este conceito.

Justificamos a relevância desse trabalho a partir da compreensão de que se trata de uma contribuição para o debate teórico da Geografia, que visa não somente discutir, de forma restrita, os fundamentos do espaço para Milton Santos no contexto espaço-temporal de sua reflexão, mas, também, como um arcabouço teórico importante que lega a Geografia brasileira bases para a construção de novas explicações para uma realidade que se transforma de modo cada vez mais célere, exigindo da Geografia novas abordagens, reflexões e explicações.

Em síntese, podemos dizer que um dos maiores legados deixados pela obra de Milton Santos é a concepção da Teoria geográfica como fundamento de uma realidade socioespacial produto da relação espaço-tempo, na qual o espaço geográfico comparece como possibilidade analítica que remete a uma totalidade conjugada pela indissociabilidade de ações e objetos (materialidade e movimento), mas também a uma parte desta totalidade.

Assim, as contribuições deixadas por este Geógrafo foram fundamentais para a consolidação de um novo momento do pensamento geográfico na Geografia brasileira, que passa a ter o espaço, sobretudo a partir da década de 1970, como uma referência analítica que vai do objeto em si da Geografia, a condição de uma categoria de análise que comporta a

reflexão acerca da totalidade dos fenômenos geográficos e, ao mesmo tempo, de suas partes constituintes. Dessa forma, é pertinente dizer que a partir do pensamento de Milton Santos conseguimos extrair ferramentas teórico-metodológicas para analisar criticamente o mundo que nos cerca tendo como base o espaço e suas mais diversas dinâmicas, compreendidas no âmbito de um movimento dialético que é ora possibilidade, ora contrariedade.

A concepção de espaço para Milton Santos

O conceito de espaço geográfico é central nas discussões em Milton Santos. Propomos nesta secção apresentar o desenvolvimento das formulações do conceito de espaço em algumas de suas principais obras, discutindo cada conceituação que foi dada ao espaço geográfico em diferentes etapas reflexivas do autor.

Escolhemos como base teórica as seguintes obras *Por Uma Geografia Nova* (originalmente publicada em 1978); *Espaço e Método* (originalmente publicada em 1985); *Metamorfoses do Espaço Habitado* (originalmente publicada em 1988); e, *A Natureza do Espaço* (originalmente publicada em 1996), que serão analisadas em ordem cronológica a fim de evidenciar como se deu a evolução do sistema de ideias deste autor em relação ao espaço.

O contexto histórico-geográfico do pensamento de Milton Santos

Considerado um dos maiores nomes da Geografia brasileira e com reconhecimento notável na Geografia mundo afora, Milton de Almeida dos Santos tornou-se um cidadão do mundo, nasceu no dia 03 de maio de 1926 em Brotas de Macaúbas no estado brasileiro da Bahia, e desde que começou a debruçar-se sobre as questões da Geografia passou a contribuir valorosamente com o processo de renovação desta ciência que, como vimos, chega a década de 1970 demandando novas explicações para a realidade socioespacial complexificada pelos rumos da sociedade capitalista. Sua formação inicial foi em Direito pela Universidade Federal da Bahia em 1948, mas sempre demonstrou interesse pela Geografia ao longo de sua formação intelectual, vindo a se tornar “Doutor em Geografia em 1958 pela Université de Strasbourg, na França” (MILTON SANTOS, 2021)

Milton Santos ingressou na Faculdade de Direito aos 18 anos, formando-se em 1948. Logo em seguida prestou concurso e foi ministrar Geografia em Ilhéus-BA, onde permaneceu até 1953, período em que conciliava os trabalhos de professor, jornalista e advogado. Em 1956 Santos se mudou para Salvador onde passou a ministrar Geografia Humana na Universidade

Católica. A partir de então, a participação em Congressos na área de Geografia, “a exemplo do Congresso Internacional de Geografia (1956), o permitiu estabelecer contato com geógrafos de diferentes partes do mundo, tal como Jean Tricart que o convidou para continuar seus estudos em Geografia na Universidade de Strasbourg” (MILTON SANTOS, 2021).

Posteriormente Milton Santos inicia uma série de contribuições, funda o Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais na Universidade Federal da Bahia, também assume a diretoria da imprensa oficial da Bahia, torna-se livre docente pela UFBA, e ainda é nomeado subchefe da Casa Civil durante o rápido mandato de Jânio Quadros (MILTON SANTOS, n.p., 2021).

Todavia, seus esforços e contribuições são interrompidos pelo período do regime militar, em que chegou até a ser preso. Naquele momento recebia vários convites para ser professor visitante de universidades fora do país, mas eram negados pelo governo autoritário da época. Milton Santos após problemas de saúde é liberado pelo governo militar, mas impedido de ministrar aulas em seu país, sendo nesse período que recebe convites de universidades na França e muda-se para Toulouse, percorrendo a partir de então diversos países. O seu retorno ao Brasil acontece em 1977, momento marcado pelo um evento na UFBA, onde foi ministrado o Curso de Extensão “A Cidade Mundial de nossos dias Desde esse período, Milton Santos seguiu atuando de perto na Geografia brasileira, se tornando, em 1984, professor de Geografia na USP”. (MILTON SANTOS, 2021).

Milton Santos ao longo de sua trajetória ao redor do mundo sempre buscou observar e estudar aspectos diversos, principalmente do urbano, nos diferentes países em que esteve presente. Percebeu e criticou a falta de uma teoria que explicasse a organização da estrutura urbana dos países mais pobres, que nas décadas da segunda metade do século XX eram chamados de terceiro mundo ou países do Sul. Com isso Milton Santos apresenta a teoria dos dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos, também “tornou-se um grande estudioso e crítico do processo de Globalização e da forma como ele foi colocado em nosso mundo” (MILTON SANTOS, 2021).

Ao longo de sua trajetória intelectual na Geografia, Milton Santos pôde vivenciar e problematizar um contexto histórico-geográfico permeado de transformações que, não só puseram em debate os fenômenos materializados, como também o papel analítico da Geografia diante de tais fenômenos. As mudanças políticas, econômicas, sociais, culturais e, conseqüentemente, espaciais, decorrentes de uma sociedade capitalista assentada sob as bases da internacionalização do capital foi para Santos e outros geógrafos contemporâneos a ele pressuposto para novas abordagens na Geografia.

O mundo vivencia, sobretudo a partir de 1970, os efeitos da Terceira Revolução Industrial, evento marcado pela inserção da técnica, da informação e do conhecimento no processo produtivo capitalista e, conseqüentemente, pelo estabelecimento de novas formas de relacionamento entre os países na economia internacional, novas relações de trabalho e uma nova racionalidade espacial. É um período em que os processos de urbanização e industrialização evidenciam com mais veemência as contradições de dinâmicas econômicas desenvolvidas sem articulação com a melhoria das condições sociais da população, o que resulta em questões que tornam-se objeto de intenso debate na Geografia.

Neste contexto, Milton Santos evidencia, antes de tudo, a necessidade de fortalecer as bases analíticas da Geografia como uma ciência que pensa o espaço geográfico, espaço geográfico este constituído em meio a variáveis inerentes a cada contexto específico, como é o caso dos países subdesenvolvidos. Assim, propõe uma complexa e bem fundamentada sistematização teórica para esta ciência, formulando uma teoria geográfica que trouxe novos conceitos e categorias que enriqueceram os debates no âmbito da Geografia. Milton Santos chama atenção para a delimitação e definição do objeto de estudo da Geografia, concebendo-o como o espaço geográfico. Para conceituar o espaço geográfico, Santos propõe ao longo de sua jornada na Geografia conceitos que favorecem a compreensão, como é o caso de forma, função, estrutura, processo, objetos, ações, técnica, formação econômica, totalidade, entre outras.

Desta forma, o que se percebe é que Milton Santos constrói sua trajetória na Geografia refletindo sobre uma realidade dos países mais desiguais. Dedicou uma vida de trabalhos e contribuições acadêmicas a Geografia, principalmente sobre o papel do cidadão, a organização das cidades dos países subdesenvolvidos, além de uma série de outras contribuições.

Por uma Geografia do espaço

Para facilitar e deixar mais concisa a análise pretendida em torno do conceito de espaço em Milton Santos, selecionamos obras que acreditamos ser cruciais à compreensão do processo de construção e evolução do conceito de espaço em Santos. Desta forma, destacamos a partir de agora as obras: *Por uma Geografia Nova (originalmente publicada em 1978)*, *Espaço e Método (originalmente publicada em 1985)*, *Metamorfoses do Espaço Habitado (1988 originalmente publicada em)* e *A Natureza do Espaço (originalmente publicada em 1996)*.

Daremos início à discussão sobre o conceito de espaço a partir da Obra “*Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia crítica*” publicada originalmente

em 1978, e considerada uma grande contribuição para o processo de renovação metodológica da Geografia na década de 1970. Esta obra é considerada por muitos uma das mais complexas e bem acabadas sobre a Geografia Crítica no mundo, com contribuições que expandiram e expandem até hoje horizontes possibilidades para a construção da abordagem geográfica. A obra divide-se em três partes sendo elas: “A Crítica da Geografia”; “Geografia, sociedade, espaço”; e, por fim “Por uma Geografia Crítica”.

Milton Santos pode ser considerado como um teórico do espaço, um filósofo do espaço ou até mesmo um filósofo das técnicas. Em *Por uma nova Geografia*, Santos parte de uma crítica a Geografia Tradicional e a Nova Geografia, crítica esta fundamenta, sobretudo, na falta de precisão do objeto de estudo geográfico. Para Santos (2012), a Geografia tinha até então se preocupado mais com o que é Geografia do que com o que a Geografia estuda.

Destemporalizando o espaço e desumanizando-o, a geografia acabou dando as costas ao seu objeto e terminou sendo ‘viúva do espaço’. Para esse resultado contribuiu o fato de terem sido perdidos muito esforço e muito talento na busca por soluções imediatistas para problemas considerados imediatos, em perseguir respostas particulares para problemas considerados específicos. Acabamos, por isso, tendo uma multiplicidade tão grande de geografia que justificaria um espírito irônico dizer que, nos dias de hoje, há muitas geografias mas nenhuma geografia (SANTOS, 2012, p. 119).

Nesse momento entende-se que houve uma fragmentação do conhecimento geográfico, deixando de lado elementos básicos e essenciais para a análise do geógrafo, como as relações sociais e as dinâmicas de apropriação do espaço e as desigualdades presentes na organização espacial, entre outras questões importantes do âmbito geográfico. É em Santos (2012) que são apresentados elementos que colaboram para os geógrafos analisarem criticamente o percurso histórico da Geografia, é partir desse momento que ele apresenta as bases para pensar uma Geografia verdadeiramente crítica.

Após tecer críticas à forma como deixaram de lado o conceito de espaço, Milton Santos vai além, propondo uma (re)definição do objeto de estudo da Geografia. Santos (2012) a partir de uma abordagem de influência marxista apresenta o espaço como base para a formação econômica e social, concluindo que ela só é possível através da base espacial-territorial entendida pelo autor como uma formação socioespacial. O espaço nessa perspectiva passa a ser compreendido como uma forma de relação e de indissociabilidade entre a natureza e a sociedade. O espaço é, portanto, a base para a sociedade se desenvolver.

No processo de (re)definição do objeto de estudo da Geografia, Milton Santos insere novas abordagens e perspectivas como elementos metodológicos para avançarmos na definição

do espaço geográfico. Neste patamar, podemos inferir que essa categoria pode ser entendida como fato social, fator social e instância social, o que torna o espaço uma relação de ida e vinda de uma produção recíproca sem fim.

A partir da influência dukheimiana de fato social, o espaço pode ser entendido como “uma coisa, que existe fora do indivíduo e se impõe tanto ao indivíduo como a sociedade considerada como um todo” (SANTOS, 2012, p. 161). Dessa forma, o espaço se impõe fora da nossa consciência, apesar de se apresentar como uma mesma realidade para todos, ele é percebido diferentemente por cada indivíduo ou grupo social, ou seja, ele é simultaneamente produtor e produto, determinante e determinando.

O espaço sendo um fator social trata-se de um elemento de determinação. Entende-se o espaço como resultado de uma produção histórica que passa a condicionar o ser humano e suas ações a partir de suas configurações. Com essas características de determinação, o espaço passa a reproduzir as linhas de força da estrutura vigente, onde se constituirá como possibilidade e como contrariedade.

Seguindo as contribuições de Santos (2012), o espaço é elevado à categoria de instância social, ou seja, aquilo que se impõe a tudo e a todos, sendo considerada como uma estrutura autônoma ao lado da política, cultura e economia, por exemplo. Em outras palavras podemos dizer que o espaço determina e é determinado por essas outras instâncias, ou seja, ele contém e é contido pelas demais. Para Santos (2012, p. 181):

Ora, o espaço, como as outras instâncias sociais, tende a reproduzir-se, uma reprodução ampliada, que acentua os seus traços já dominantes. A estrutura espacial, isto é, o espaço organizado pelo homem e, com as demais estruturas sociais, uma estrutura subordinada-subordinante. E como as outras instâncias, o espaço, embora submetido à lei da totalidade, dispõe de uma certa autonomia que se manifesta por meio de leis próprias, específicas de sua própria evolução.

Apresentando essas concepções sobre o espaço geográfico como fato social, fator social e instância social, Santos (2012) continua suas contribuições sobre a delimitação e definição do objeto de estudo da Geografia, versando sobre os esforços empreendidos em definir a Geografia e não o espaço, o autor ressalta que “de todas as disciplinas sociais, a Geografia foi a que mais se atrasou na definição de seu objeto e passou, mesmo a negligenciar completamente esse problema” (SANTOS, 2012, p. 144). Tal problemática foi deixada de lado por gerações de geógrafos que direcionaram seus esforços a outras inquietações e deixaram de lado o objeto explícito da Geografia – o espaço social. Santos (2012) comenta que se discute cada vez mais Geografia, uma palavra muitas vezes sem conteúdo, deixando de lado o espaço, seu objeto.

Dessa forma, “a definição de espaço, tornou-se difícil e a da geografia impossível” (SANTOS, p. 119).

Quanto a definição de espaço geográfico, Santos (2012) ressalta a tarefa árdua que tal esforço teórico e metodológico exige do pesquisador. Para o autor o espaço deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e de formas, elas que presente no espaço são uma forma de analisar e perceber como ocorreu o uso e ocupação desse espaço no passado e como ele é usado no presente.

Para Santos (2012, p. 153):

O espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais acontecendo diante dos nossos olhos e que se manifestam através de processos e funções. O espaço é, então, um verdadeiro campo de forças cuja aceleração é desigual. Daí porque a evolução espacial não se faz de forma idêntica em todos os lugares.

Nessa definição entra elementos de grande importância para o conceito de espaço geográfico, que são denominadas pelo autor de categorias do método geográfico, sendo elas: forma, função, estrutura e processo. Essas categorias são apresentadas em Santos (2012), porém elas são bem definidas e delimitadas posteriormente, em Santos (2014a) na Obra Espaço e Método, o qual começamos a discutir na sequência.

Avançando temporalmente pela Obra de Milton Santos, chegamos ao Livro “Espaço e Método” publicado originalmente em 1985. Neste momento de seu pensamento, Milton Santos continua suas discussões sobre o espaço geográfico fornecendo ferramentas teórico-metodológicas para o geógrafo interpretar e compreender criticamente o espaço e suas dinâmicas.

Santos (2014a) reafirma que a essência do espaço é social. Nesta concepção, o espaço é um fator da evolução social, e não apenas uma condição para tal. O espaço, preservado seu sentido de instância da sociedade, é visto a partir da totalidade e entendido como uma realidade cumulativa onde temporalidades distintas coexistem. Quanto aos elementos do espaço para Santos (2014a) seriam os seguintes: os homens, as firmas, as instituições, o chamado meio ecológico e as infraestruturas. Esses elementos possuem interações, sendo eles intercambiáveis e redutíveis de acordo com cada momento histórico, ou seja, existem momentos que os homens podem ser tomados como firmas ou como instituições. Santos (2014a) coloca esses elementos como variáveis, por consequência das suas variações quantitativas e qualitativas no tempo e no

espaço. Dessa forma, entende-se que para cada elemento é dado um valor diferente de acordo com o lugar em que se encontra.

Definindo cada um dos elementos, Santos (2014a, p. 16-17) coloca-os da seguinte forma:

Os homens são elementos do espaço, seja na qualidade de fornecedores de trabalho, seja na candidatos a isso, trata-se de jovens desempregados ou não empregados. [...] as firmas têm como função essencial a produção de bens, serviços e ideias. As instituições, por seu turno, produzem as normas, ordens e legitimações. [...] o meio ecológico é o conjunto de complexos territoriais que constituem a base física do trabalho humano. [...] as infra-estruturas são o trabalho humano materializado e geografizado na forma de casas, plantações, caminhos etc.

Em busca de uma consolidação do método geográfico, Santos (2014a) apresenta o que ele denomina de *categorias do método geográfico*, sendo elas: estrutura, processo, função e forma, tais categorias em conjunto possibilitam o desenvolvimento desse método. O autor alerta para que nas análises geográficas essas categorias sejam articuladas para que assim possam evidenciar as dinâmicas contraditórias presentes na organização dos objetos no espaço. De tal forma, quando estudadas em conjunto elas possibilitam a compreensão do movimento da sociedade no tempo e no espaço. Para Santos:

Forma é o aspecto visível de uma coisa. Refere-se, ademais, ao arranjo ordenado de objetos, a um padrão. Tomada isoladamente, temos uma mera descrição de fenômenos ou de um de seus aspectos num dado instante do tempo. *Função*, de acordo com o dicionário Webster, sugere uma tarefa ou atividade de uma forma, pessoa, instituição ou coisa. *Estrutura* implica a inter-relação de todas as partes de um todo; o modo de organização ou construção. *Processo* pode ser definido como uma ação contínua desenvolvendo-se em direção a um resultado qualquer, implicando conceitos de tempo (continuidade) e mudança. (SANTOS, 2014a, p.69)

Para Santos (2014a), seria errôneo privilegiar apenas uma categoria, pois só é possível apreender a totalidade em seu movimento a partir de uma análise que leve em consideração as quatro categorias. Seu pensamento atravessa o tempo, suas contribuições teóricas foram pensadas de uma forma que permanecem atuais, como as categorias do método geográfico e as variáveis que compõem o espaço foram pensados a partir de sua essência, buscando a compreensão de como esses conceitos se estruturam em sua natureza.

Destacamos que as variáveis do espaço e as categorias do método geográfico podem e devem ser utilizadas de maneira indissociável, para assim fornecer ao cientista preocupado com a questão espacial conceitos que possam lhe direcionar a compreensão da natureza do espaço.

Quando utilizados em conjunto esses conceitos possibilitam pôr em relevo as diversas dinâmicas do espaço, inclusive o seu processo de desigualdade e contradição.

Outra definição de espaço bastante difundida por Milton Santos é a do espaço como um conjunto de fixos e fluxos, apresentada em sua Obra *Metamorfoses do espaço habitado* (1988) sendo considerada uma continuação de *Por uma Geografia Nova*. Santos (2014b) divide esta Obra em dez capítulos, em que procura compreender o processo sob o qual estava presenciando de “universalização do mundo”. Trata-se de uma Obra com grande valor conceitual e analítico, a partir das contribuições teóricas de conceitos basilares para os estudos geográficos, principalmente sobre o espaço geográfico, configuração territorial e paisagem.

Em Santos (2014b, p. 83) são expostos fundamentos teóricos para pensar o espaço a partir da configuração territorial entendida como “o território mais o conjunto de objetos existentes sobre ele; objetos naturais ou objetos artificiais que a definem”. Diante dessa perspectiva, o espaço pode ser entendido a partir da junção entre a paisagem, configuração territorial e sociedade. Dessa forma, podemos analisar o espaço a partir da noção de forma-conteúdo, onde a paisagem pode ser entendida como as formas, as dinâmicas sociais o conteúdo, e a própria configuração territorial ser resultado do movimento dialético entre a forma e o conteúdo, ou em outras palavras da herança espacial e das dinâmicas sociais atuais.

Santos (2014b, p. 85) apresenta que “o espaço é, também e sempre, formado de fixos e fluxos [...] nós temos coisas fixas, fluxos que se originam dessas coisas fixas, fluxos que chegam a essas coisas fixas [...] tudo isso, junto, é o espaço”. Os fixos são a materialidade e a objetividade dessas formas que compõem o espaço, são as heranças sociais construídas para determinados objetivos em um período histórico e que pode mudar de funcionalidade de acordo com as necessidades humanas. Já os fluxos, são os movimentos, ou seja, as dinâmicas sociais de cada período histórico.

Antes de prosseguirmos para a próxima discussão de espaço em Milton Santos a ser apresentada, gostaríamos de realizar um esforço de aproximação entre as categorias do método geográfico exposta em *Espaço e Método* e os fixos e fluxos discutidos em *Metamorfoses do Espaço Habitado*. Aqui cabe ressaltar que tais categorias e conceitos propostos por Milton Santos, não necessariamente precisam ser compreendidas e explicadas separadamente, é possível aproximá-las e enriquecer as nossas análises a partir de suas contribuições teórico-metodológicas.

Podemos pensar as categorias de forma e estrutura, como a materialidade que é construída e elaborada no espaço, sendo elas o aspecto material do espaço. Desse modo, é

possível aproximar essas duas categorias com a proposta de fixos, isto é, dos objetos materiais dispostos no espaço. Já as categorias de função e processo podem ser relacionadas com a concepção de fluxos, ou seja, a partir delas podemos perceber o movimento, as atividades e as relações sociais que ocorrem no espaço. É importante destacar que essa aproximação só é válida se utilizarmos todas as categorias articuladas, para que assim possamos entender a forma como o espaço se organiza como um todo, utilizando de um lado a materialidade que o estrutura e de outro o movimento que articula a sociedade em sua reprodução no espaço.

Seguindo com a análise do conceito de espaço no pensamento de Milton Santos, chegamos naquela que é apontada como uma Obra que sintetiza a principais reflexões do autor, *A Natureza do Espaço*, publicada originalmente em 1996. Nessa Obra, o espaço é considerado como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações. As formulações expostas na Obra são resultados de mais de um quarto de século de pesquisa, leituras e releituras do autor. Nela, o espaço geográfico é discutido e apresentado a partir das evoluções e mudanças ocorridas com as técnicas, que passam a caracterizar um novo período, entendido como meio técnico-científico- informacional.

De início Santos (2017) apresenta algumas insatisfações com relação a determinadas abordagens na Geografia, como a persistência de muitos estudiosos na negligência do espaço, apresentando mais uma vez críticas à busca pela definição da Geografia e a falta de preocupação com a delimitação do objeto de estudo dessa ciência. Apresenta que “na realidade, *o corpus* de uma disciplina é subordinado ao objeto e não o contrário” (SANTOS, 2017, p. 19). Portanto, reitera nesta Obra a sua convicção de que o caminho a ser seguido é voltado para a discussão sobre o espaço, e não sobre o que é a Geografia. Outra preocupação pertinente refere-se a união espaço-tempo, dando um enfoque para a necessidade de se trabalhar essas categorias de forma conjunta, não separando-as. Para Santos (2017, p.19) “o tempo aparece na prática separado do espaço, mesmo quando é o contrário que se afirma”.

Na sua discussão, Milton Santos busca dá centralidade a técnica como um elemento importante nas relações sociais e na produção espacial. A técnica comparece como um elemento de ligação entre o ser humano e o espaço, e é através dela que o espaço é modificado, ou seja, a técnica é tanto uma necessidade imediata, como fator da evolução humana. As técnicas para Santos (2017, p. 29) são definidas como “um conjunto de meios instrumentais e sociais com as quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria o espaço”.

O fenômeno técnico apresentado por Santos (2017) deve ser considerado na sua total abrangência para alcançar a noção de espaço geográfico. Esse fenômeno técnico se espalha no

espaço de forma desigual, ou seja, existem partes do espaço com um adensamento técnico maior do que outros e esse fato provoca uma fluidez maior nessa parte do espaço, elevando-o a uma categoria de destaque e de imposição de sua lógica para os demais locais. A este quadro variável e contraditório, Santos (2014) estabelece como sendo formado pelos espaços luminosos e pelos espaços opacos, ou espaço do mandar e espaço do fazer.

A partir da técnica podemos delimitar partes do tempo, ou seja, é possível dividir a história em períodos, onde cada um apresenta um sistema técnico com características próprias. Santos (2017) vai denominar estes períodos como meio natural, meio técnico e meio técnico-científico-informacional. Dessa forma, em cada um desses períodos existe um sistema técnico que os dão características próprias e os diferenciam dos outros. Não é uma datação histórica precisa e bem delimitada, é a temporalidade das técnicas no espaço.

O meio natural caracteriza-se pela prevalência de técnicas simples, em que a transformação da natureza ocorria sem grandes mudanças. Conforme a sociedade avançou em termos técnicos, o espaço presenciou novas formas de configuração de seus objetos e suas ações. O período chamado de *meio técnico*, trouxe consigo mudanças significativas na esfera técnica que possibilitou o surgimento de um novo arranjo espacial com novos significados e novas racionalidades. Para Santos (2017, p.235) “os objetos que formam o meio não são apenas objetos culturais, eles são culturais e técnicos, ao mesmo tempo [...] quanto ao espaço, o componente material é crescentemente formado do natural e do artificial”. Portanto, a partir dos novos sistemas técnicos é dada a eminência de um novo período denominado de *meio técnico*. O meio técnico-científico-informacional, que compreende uma temporalidade técnica do espaço marcada pela racionalidade da globalização da economia e de suas respectivas lógicas espaciais.

Neste período, o espaço passa a ser caracterizado por profundas relações entre a ciência, a técnica e a informação. Conforme Santos (2017, p.238):

Os objetos técnicos tendem a ser ao mesmo tempo técnicos e informacionais, já que, graças à extrema intencionalidade de sua produção e de sua localização, eles já surgem como informação; e na verdade, a energia principal de seu funcionamento é também a informação. Já hoje, quando nos referimos às manifestações geográficas decorrentes dos novos progressos, não é mais de meio técnico que se trata, estamos diante da produção de algo novo, a que estamos chamando de *meio técnico-científico-informacional*.

O meio técnico-científico-informacional representa, portanto, um novo cenário na organização do espaço mundial que implica na (re)configuração dos espaços nacionais, regionais e locais. Para Santos (2017), a união entre ciência e técnica que, a partir dos anos

1970 havia transformado o território brasileiro, revigora-se com os novos e portentosos recursos da informação que se estabelecem com os condicionantes postos pela globalização e pela soberania imposta pela lógica do mercado.

Neste contexto, a concepção desenvolvida de espaço geográfico como um conjunto de sistemas de objetos e sistemas de ações, nos permite analisar o fenômeno geográfico como um todo. Segundo Santos (2017, p. 63),

O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá. No começo era a natureza selvagem, formada por objetos naturais, que ao longo da história vão sendo substituídos por objetos fabricados, objetos técnicos, mecanizados e, depois, cibernéticos, fazendo com que a natureza artificial tenda a funcionar como uma máquina.

Diante dessa concepção de espaço é pertinente destacar que precisamos compreender esses sistemas em conjunto, ou seja, não basta analisar apenas as ações ou apenas os objetos. Para Santos (2017, p. 63) “de um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes”.

A conceituação do espaço geográfico como um conjunto que se estrutura com uma condição relacional, inseparável, indissociável e contraditória de sistemas de objetos e de sistemas de ações, nos proporciona compreender a forma como a sociedade se organiza no espaço, através da sua base material de um lado e do outro uma série de relações que lhe dão ações e intencionalidade, formulando assim o espaço geográfico.

Também ressaltamos a importância das demais definições de espaço discutidas anteriormente, afinal todas elas são parte de um processo intelectual do autor que coadunam a um ponto de maturidade conceitual. Todas elas trazem consigo contribuições para o desenvolvimento do conceito de espaço geográfico e para o fortalecimento da Geografia brasileira, através do seu processo de renovação teórico-metodológica todas as definições apresentam seu valor e importância dentro do pensamento geográfico.

Conclusões

A realidade está em constante movimento. A cada novo período histórico novas forças se erguem sobre a produção, organização e transformação do espaço geográfico, de modo que não podemos tomar este por um objeto imutável, inerte às mudanças. Tal condição inata à Geografia projetou ao longo de sua trajetória evolutiva construções teórico-metodológicas diversas, que caracterizaram os diferentes paradigmas e perspectivas epistemológicas.

Esse movimento do pensamento geográfico não deve, e não pode cessar, pois é dele que a renovação da Geografia se alimenta. Neste trabalho, ao nos propormos a realizar esse exame do conceito de espaço na obra de Milton Santos, trazemos ao debate as concepções teórico-metodológicas de um autor que deixa sua imensa contribuição ao pensamento geográfico pós década de 1970, e que nos lega bases analíticas compatíveis com a realidade socioespacial configurada por variáveis que estão em um ritmo de transformação cada vez mais acelerado, exigindo novas explicações da Geografia.

Com os avanços das técnicas, novas possibilidades foram criadas, novas relações foram estabelecidas, um novo tempo está a nossa frente, o meio técnico-científico-informacional. É esse cenário que endossa as reflexões de Milton Santos, cujo sistema de ideias vai ser organizado em torno de uma nova racionalidade estabelecida no espaço a partir do avanço nos campos científicos e comunicacional, fato que tornou o espaço a esfera contraditoriamente e desigualmente articulada em torno dos interesses da sociedade capitalista.

Com relação as reflexões construídas ao longo da pesquisa teórica aqui empreendida, podemos inferir que o conhecimento geográfico não é imutável, e está em constante movimento de renovação e superação de ideias de acordo com os movimentos da sociedade no espaço. Dessa forma, quando analisamos o conceito de espaço ao longo do movimento do pensamento geográfico observamos que esse conceito ganhou diferentes concepções nas correntes de pensamento, o espaço foi caracterizado e influenciado pelo ajuste teórico em cada corrente ao longo das transformações que atingiram a realidade socioespacial de cada período técnico. Isso fez do espaço, ora elemento central das abordagens geográficas, ora elemento secundário ou simplesmente marginalizado.

No âmbito da teoria de Milton Santos, especificamente naquelas analisadas, percebe-se que o espaço culmina como a categoria central capaz de explicar uma realidade que, ao mesmo tempo em que era una e particular, era também uma totalidade complexa. É desta forma que o espaço, tido muitas vezes como algo geral e impreciso, passa a ser o espaço geográfico o objeto de estudo da Geografia.

Com relação as contribuições deste geógrafo para a Geografia brasileira destacamos de início a obra *Por um Geografia Nova* (1978) e o seu impacto no movimento de renovação e fortalecimento da Geografia na década de 1970. Santos (2012) propõe um Geografia refundada, generosa com preocupações voltadas para as questões do espaço social, sendo o espaço elevado à categoria de instância social, aquilo que se impõe a tudo e todos, o espaço como uma estrutura autônoma.

Seguindo em suas contribuições Santos (2014a) estabelece as categorias do método geográfico de análise, sendo elas forma, função, estrutura e processo, definidas no item 3.1 desse escrito. Tais categorias segundo Santos (2014a) devem ser estudadas e utilizadas em conjunto para possibilitar ao geógrafo uma compreensão abrangente do espaço. Além dessas categorias Santos (2014a) também apresentou os elementos/variáveis do espaço, sendo eles os seguintes: os homens, as firmas, as instituições, o meio ecológico e as infraestruturas.

Um esforço de aproximação realizamos no item 3.1, relacionando as categorias do método geográfico de análise de Santos (2014a) com a concepção de espaço geográfico como um conjunto de fixos e de fluxos de Santos (2014b), observa-se que os fixos podem ser relacionados com a materialidade e objetividade dos fenômenos, junto com as formas e as estruturas, já os fluxos podem ser relacionados com as relações sociais junto com as categorias de função e processo, o que caracterizam o movimento dentro do espaço geográfico.

Essa aproximação nos leva até a concepção mais desenvolvida e disseminada em Santos (2017), na qual o espaço passa a ser entendido como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações. O primeiro sistema podendo ser relacionado com a base material do espaço, as lógicas e intencionalidades que estão presentes nas técnicas e nos objetos que são produzidos através delas (os fixos do espaço). Já o segundo sistema pode ser entendido como a funcionalidade, as forças, as atitudes, e os objetivos, ou seja, os fluxos do espaço, através dessa relação entre esses sistemas em conjunto podemos entender o espaço geográfico.

O espaço geográfico pode ser entendido como a materialidade em movimento que se realiza através das relações entre as formas do passado e do presente, por meio de uma sucessão de avanços técnicos que condicionam mudanças na organização social e nas relações entre o ser humano em sociedade com a natureza (esta entendida como uma segunda natureza). Dessa forma, entendemos que a técnica trata-se de um fator primordial para a compreensão do espaço geográfico, do seu passado ao seu futuro. A cada novo avanço técnico uma nova configuração social é implantada, uma nova lógica é seguida, foi assim do meio natural ao meio técnico e posteriormente ao meio técnico científico informacional.

O espaço é algo relacional, ou seja, de um lado temos a materialidade ou os objetos, que lhe dão a forma física que visualizamos e percebemos distribuídas no espaço, como um registro de diferentes tempos, e do outro lado estão as intencionalidades por trás de cada objeto construído e localizado no espaço. Neste caso, a preocupação geográfica evidenciada é entender como esse processo condiciona as desigualdades presentes no espaço, ou seja, de um lado encontramos territórios densamente tecnificados e do outro encontramos espaço com uma carência técnica enorme, basta observar uma imagem das luzes no globo terrestre a noite que percebemos tal discrepância.

Diante da face geográfica da globalização, ou seja, o meio técnico científico informacional, percebe-se alguns aspectos que permitem ao geógrafo analisar a atual organização do espaço em um nível mundial, o atual momento é movido por uma lógica produtiva desenfreada que anseia o lucro, por e como apontou Santos (2019) uma mais valia universal. Temos uma ordem global que estabelece certas disponibilidades técnicas em certos territórios e em outros não, existe um processo de desigualdade espacial a nossa frente, ou seja, os objetos técnicos/geográficos não são distribuídos da mesma forma no espaço, nem muito menos as ações.

Entender o espaço geográfico é de suma importância para se compreender o mundo, como nos organizamos em sociedade, como ocorreu nosso processo de origem e para onde estamos caminhando. Outro exemplo a ser citado nos remete as relações desarmônicas no atual período técnico entre o ser humano e os aspectos físico-naturais, existe uma lógica global imposta no espaço que está levando nosso planeta a um colapso dos recursos naturais, há implantado em uma grande parte da população um sistema de consumismo desenfreado que se for seguido por todo o planeta entraremos em colapso nos próximos anos.

O conceito de espaço geográfico nos fornece elementos para compreender o processo de organização da sociedade. É no espaço geográfico onde os agentes, processos, ações, objetos e relações se entrecruzam no movimento de uma totalidade que se descontroem em partes distintas que no movimento da realidade, voltam a ser totalidade novamente, em uma intensa e contraditória relação dialética espaço-tempo-sociedade.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. C. **Geografia: Ciência da Sociedade**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.
- BUNGE, W. **Theoretical Geography**. Gleerup. Lund, 1966.
- CLAVAL, P. **História da Geografia**. Lisboa: Edições 70, 2006.
- CORRÊA, R. L. **Região e Organização Espacial**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007
- CORRÊA, R. L. Espaço: um conceito-chave da Geografia. *In*: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. **Geografia: conceitos e Temas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- DEMO, P. **Pesquisa e construção do conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.
- GIL, A. C. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- LEFÉBVRE, H. **Lá Production de L'Espace**. Anthoropos. Paris 1974.
- LEFÉBVRE, H. **Lógica formal/lógica dialética**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1975.
- MORAES, A. Carlos Robert. **Geografia: Pequena história crítica**. 21. ed. São Paulo: Annablume, 2007.
- SANTOS, M.-H. T. dos. Biografia. **Milton Santos**, 2021. Disponível em: <https://miltonsantos.com.br/site/biografia/>. Acesso em: 16 maio 2021.
- SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. 9. Reimpr. São Paulo: EDUSP, 2017.
- SANTOS, M. **Espaço e Método**. 5. ed. 2. reimpr. São Paulo: EDUSP, 2014a.
- SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia**. 6. ed. 2. reimpr. São Paulo: EDUSP, 2014b.
- SANTOS, M. **Por Uma Geografia Nova: Da crítica da Geografia a uma Geografia crítica**. 6. ed. 2. reimpr. São Paulo: EDUSP, 2012.
- SILVEIRA, D. T.; CÓDOVA, F. P. A pesquisa científica. *In*: GERHARDDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (org.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora de UFRGS, 2009.

SUERTEGARAY, D. M. A. **Cadernos geográficos 12**: notas sobre epistemologia da geografia. Florianópolis, SC: UFSC, 2005.

ULLMAN, E. L. Geography as Spatial Interaction. *In*: REUZAN, D.; ENGLEBERT, E. S. **Internacional Linkagrd**. Berkerly: University of California Press, 1954.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.
Formatação e normalização.

